

ACM joga bomba e conquista espaço na sucessão

A última aventura do veterano em guerras palacianas termina com muita festa no Florentino

Entrevista a
LEONARDO MOTA NETO

Foi uma bomba semelhante às que os militares usam em campos de treinamento: uma bela explosão, sem que ninguém saia ferido. Exige, no mínimo, destreza. Pois essa guerra imaginária, em que um mesmo exército se divide para treinar, aconteceu no grande campo de exercícios em que se transformou a política brasileira. O herói da batalha bem poderia ser chamado de franco-atirador, se não soubesse muito bem onde aponta sua metralhadora vocal. Antônio Carlos Magalhães, o veterano de guerra que demoliu o continuísmo do governo Figueiredo, no corpo-a-corpo com o então ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos.

Na mesma Salvador, ACM do B (de Bahia), três anos depois, tem o mesmo alvo pela frente, o Palácio do Planalto, e outra bomba na ponta da língua: — Jânio Quadros tem autoridade, e o País está precisando de autoridade, disse.

Não faz muito tempo, o ex-presidente Geisel amargou nota oficial para desmentir declaração muito parecida. Mas, ainda que general, não se trata propriamente de um especialista em bombas, como ACM, que transformou a sua pólvora em festim, e ainda comemorou no Florentino com os mais íntimos do poder: Jorge Murad e Saulo Ramos.

As últimas declarações de ACM abalaram o mundo político, mas não o presidente José Sarney: na mesma noite em que saíram, a imprensa concedeu largos espaços às suas declarações, o ministro das Comunicações se encontrava com o Presidente na exposição do Exército. Abraçaram-se, sorrindo. Sarney entendeu que não era dirigido a ele a farsa de Antônio Carlos. Ambos se vêem, afinal, todos os dias, quando ACM cruza infalivelmente os poucos mais de 500 metros que separam o Ministério das Comunicações do Palácio do Planalto, à noite para ir bater papo com o Presidente ao final do expediente. Depois, satisfeitos, vão assistir o "Jornal Nacional". Despedem-se e marcam outro encontro para o dia seguinte. É assim a vida diária do Presidente da República e de seu primeiro-ministro tácito. Não há segredos entre eles. Nem mesmo quando ACM se lança à vice de Jânio Quadros, ou diz que sobra autoridade ao prefeito de São Paulo. Seria pura tática para diversificar e desviar assuntos políticos, alguns já borentes de tão velhos e batidos como a eterna crise entre o presidente e o deputado Ulysses Guimarães?

O ministro Antônio Carlos recebeu o repórter do CORREIO BRAZILIENSE para almoçar em seu gabinete. O almoço já estava preparado, quando o ministro das Comunicações veio sorridente se desculpar:

— Vamos ter de adiar nossa conversa para a tarde. O ministro João Batista de Abreu acaba de me convidar para almoçar.

Eram 14 horas de segunda-feira passada. ACM e Abreu almoçaram na Seplan quando voltou, afinal, para conversar com jornalistas, estava feliz:

— Consegui muita coisa com o ministro. E só saber conversar.

Eis o resumo do que conversou com os jornalistas, e, mais tarde, com o repórter do CORREIO. Falou de tudo, para publicar, e também para guardar revelações capazes de deixar Brasília insone. Um resumo do que o ministro disse aos jornalistas na segunda-feira está aqui contido. Deixou no ar, porém, como sua mais grave advertência, possível recado de candidato a vice-presidente na chapa de Jânio Quadros: "Um demagogo será capaz de deixar o país numa situação muito difícil". Recado a Leonel Brizola?

— Ministro, afinal, o Sr. disse que o Presidente não tem autoridade?

Quando eu digo que Jânio tem autoridade, eu não estou dizendo, o que seria um absurdo, que o presidente Sarney não tem. Até porque, se assim julgasse, ficaria mal para o auxiliar do Presidente, e não para ele. O presidente Sarney tem sofrido bastante no seu governo, e o meu desejo é acompanhá-lo até o término do seu período, salvo, é claro, se surgirem problemas da parte do Presidente ou de minha parte. Não tenho como apenas um presidente, mas também como um grande amigo. E um dos títulos que eu faço questão de ostentar — e é público e notório, sobretudo no Planalto — é que nenhum ministro me excede no respeito e no cumprimento das ordens do Presidente, o que não implica em aceitar sem divergir muitos pontos.

— Mas ministro, o Sr. não só divergiu, mas chegou a brigar com o ministro Mailson da Nobrega, no episódio da concessão da URP. Isso não significa um confronto com a diretoria do Presidente para a área econômica?

No caso da URP, fui vencido, mas aceitei a decisão do governo. Eu era pela não extinção da URP, e não congelamento, e sim pelo enxugamento da máquina administrativa. O Governo optou politicamente por manter a situação já existente. Foi há um ano atrás, quando o Governo a extinguiu quatro ministérios. Fui favorável. Acreditava que, se tivesse havido essa extinção, nós estávamos contribuindo para o término do déficit público, mas o governo achou o contrário. Quando evidentemente houver uma incompatibilidade com relação a um ponto que eu ache que feriria aquilo que eu prezo tanto, que é a dignidade da minha função, aí sim, eu faria uma carta ao Presidente e ia embora.

— Mas, e o problema com o Mailson?

No problema com o Mailson, eu sinceramente achava que ele era muito mais importante que eu no episódio, e me prontifiquei a sair.

— Suas relações com o Presidente ficaram mais estremitas?



A.C. Magalhães afirma que agiria com mais rapidez que Sarney, mesmo errando mais

das a partir daí?

Não. Cada dia que passa eu fico mais próximo do Presidente, inclusive após o seu governo. Quero identificar-me com ele em todos os sentidos. Isso, reitero, não significa que eu apóie todas as suas atitudes. Agora, nada de importante me leva a uma divergência. Mas sou amigo dele, e quanto mais amigo mais sincero devo ser.

— Quanto à questão da autoridade presidencial, o Sr. é sincero com ele?

O Presidente exerce sua autoridade de acordo com o seu temperamento, que é conciliador. Mas todas as vezes que foi necessário tomar posições mais fortes, ele não deixou de tomar. Pode-se dizer que eu tomasse mais rápido. Pode-se dizer também que eu errasse mais.

— Em relação à política de combate à inflação, o Sr. está divergindo abertamente dela?

Não. Eu apóio inteiramente essa política. Se alguma restrição eu tenho de fazer é a de ter chegado tão tarde. Agora, entendo que nenhum governo que queira falar a verdade à população, pode dizer que extinguirá a inflação em período menor que 5 anos. Sobre isso, com os percalços que a Constituição colocará na vida do País. Você só vai se derrubar a inflação gradativamente, com esse esforço. Só se vai derrubar a inflação agora um ponto, dois pontos. Mas para ficar num patamar razoável, com menos quatro a cinco pontos, pode-se esperar 5 anos. Fazer choque é muito fácil: se derruba a inflação mas depois ela volta com mais intensidade. O PMDB já ensinou isto ao Brasil.

— Ministro, o Sr. foi atingido com cortes de custeio em seu Ministério, que chegaram a até 50%. Houve reação aos cortes, por parte do Ministério das Comunicações?

Não. Assim como é natural que o Dr. João Batista de Abreu proceda como está procedendo, é natural a reação de quem é vítima dos cortes. O momento exige mais um pouco do que

compreensão. Exige que várias reivindicações sejam abandonadas, para que nós possamos alcançar êxito no combate à inflação. E se não conseguirmos isso, caminharemos fatalmente para momentos difíceis daqui a dois anos. Momentos que podem prejudicar a própria democracia.

— Afinal, o seu ministério foi ou não cortado pela tesoura do desmonte?

Você tem de separar as empresas do Ministério das Comunicações, da estrutura que aqui está, o Ministério em si. Se estou pregando o combate à inflação, devo conformar-me com os cortes e mais adiante lutar para que a situação econômica venha a melhorar para reaver algo do perdido. Aqui no Ministério, os cortes variam muito e em alguns casos terão forçosamente de ser revistos, porque

“Achim que eu quis ferir o Presidente e acham que o Planalto tem o meu candidato. Assim, não há motivo para intrigar que eu quis atingir o Presidente.”

são novos encargos baseados em leis ou decretos do governo, incorporados à estrutura ministerial, e consequentemente, acreditando na racionalidade, na hora própria poderá haver uma revisão. Não gostaria, porém, que meu Ministério desse o exemplo de reações aos cortes, porque isso poderia quebrar um trabalho de estrutura do Ministério do Planejamento.

— Quais são esses encargos, que poderão ser revistos?

Vou dar dois exemplos: o Governo n-ao permite que você tire um funcionário de um Ministério para outro sem que você pague. Então, terá que começar a pagar, os funcionários que se quer requisitar. Outros serviços: o vale-transpote, vales e serviços sociais de modo geral. Há um elenco que o Ministério do Planejamento não desconhece e que hoje mesmo (segunda-feira) tratei com o ministro João Batista.

— Os cortes estão sendo ainda negociados?

Não. O Ministério negocia apenas o remanejamento de verbas, mas não o quanto. Meu ministério, porém, é o mais modesto da República.

— E os ministros militares, estão também com esse espírito de aceitar os cortes?

Os militares têm dado exemplos de muita disciplina, e evidentemente conscientizados de que são uma parte do Governo, e como tal participam do esforço que o Governo pretende realizar na "operação desmonte H."

— Voltando à questão política da sua entrevista: no caso de seu partido, o PFL, que efeito provocou?

Devo dizer que minha entrevista, dada na Bahia, e que obteve tanta repercussão, teve pelo menos um efeito muito feliz: é que o nosso prezado senador Marco Maciel declarou que o PFL não luta pela vice, e sim pela presidência, e demonstrou, como homem de palavra que é, a sua fidelidade ao nosso candidato, Aureliano Chaves. Isso foi um fato auspicioso. Se não tivesse outro mérito, eu obtive esse.

— O PFL, então, vai ter um candidato a Presidente?

Esse é o desejo do senador Marco Maciel e de todos nós. Mas a realidade pode ir contra a regra. A realidade é mais forte que os desejos. Eu admito que em 89 teremos um quadro novo ditado pelas eleições municipais.

— Quem seria candidato, o

Sr. ou o ministro Aureliano Chaves?

Eu não. Não estou pensando em sair candidato. Não estou pensando em sair do governo. O Dr. Aureliano Chaves tem uma vida política rica, consequentemente é um bom juiz da posição que deve tomar.

— Mas com inflação alta, o Governo poderá ter candidato?

Eu acho que o Governo tem de fazer o que é certo, independente do problema político-eleitoral. O povo tem o discernimento para acompanhar o que é certo. E, é muito comum as pessoas serem julgadas até mesmo nas urnas erradamente, que o arrependimento vir com muita pressa. Eu sou baiano. Ao meu ver, o Governo não deve patrocinar candidaturas, se o quadro for o do momento. Ele vai ser o alvo principal dos demagogos. E, consequentemente, quem sabe se surgir um candidato de linha mais moderada, fora da demagogia, não seja o preferido?

— E nos demais partidos?

Continuo com minha idéia de que existem vários nomes muito bons tipo Jânio Quadros, que se qualificou nesse período como o melhor prefeito do Brasil, e consequentemente, é um nome que só os tolos desprezam.

— Será então que o Palácio do Planalto já tem um e este se chama Jânio Quadros?

As interpretações são contraditórias na medida em que acham que eu quis ferir o Presidente, e acham que o Planalto tem o meu candidato. Se o Planalto tem um candidato, e se este for o que falei, não há motivo para intrigar que eu quis atingir o Presidente. Mas a interpretação correta foi a que dei na entrevista; sem nenhuma pretensão. O fato é que a política está tão carente que ela ganhou espaço.

— Sua entrevista em Salvador teve o mesmo efeito do episódio Délio Jardim de Mattos? Não, de forma alguma.

— Sua entrevista deflagrou o processo sucessório?

O processo sucessório está deflagrado. Não será uma entrevista que vai paralisar ou apressar o processo sucessório. Quem não sabe quem aspira à Presidência da República? Ulysses Guimarães, Orestes Quêrcia, Newton Cardoso, Miguel Arraes, Jânio Quadros, Brizola?

— E Antonio Carlos Magalhães?

Não vamos falar sobre o impossível. Não tenho força para tanto.

— O candidato sai do "Triângulo das Bermudas": Orestes Quêrcia, Jânio Quadros ou Newton Cardoso? São esses os três nomes?

Moreira também pensa que é...

(Nesse ponto, o telefone toca. A secretária interrompe: é o próprio governador Moreira Franco. Antonio Carlos vai ao telefone e lhe diz: "Você não morre cedo...")

— E qual é o nome que leva mais chance?

É difícil hoje você fazer um juízo do quadro que vai se realizar daqui a um ano e três me-

ses. — As eleições municipais vão influir na sucessão?

Na parte de estrutura. Quem tiver o nome mais ao gosto do brasileiro, na situação em que vive o Brasil, terá o melhor nome.

Quando o Sr. falou em demagogia, estava querendo mencionar Leonel Brizola? Ele é capaz de balançar a democracia no País?

Meu raciocínio é muito simples: o candidato que vier na trilha da demagogia vai combater tenazmente o governo Sarney. Vai criar perspectivas perante o povo que o eleger. E o povo é muito mais severo quando ele vota diretamente num candidato, que quando é escolhido indiretamente, como foi o caso de Tancredo. Essa desilusão, porque ele não vai resolver nem cumprir as promessas de candidato, pode levar o País a uma situação muito difícil.

Pode ser repetido 64?

Repetir, não, porque 64 não repetiu 30. Eu só quero antecipar o que poderá acontecer na campanha: o sujeito vai xingar e prometer o mais possível.

Se a sucessão já está deflagrada, o Sr. acha que isso será benéfico para o governo, que terá de agir em faixa própria?

Isso é do ser humano, aspirar sempre a algo mais. O sujeito não chega impunemente a governador de São Paulo sem pensar na Presidência. O governador de Minas deve estar pensando a mesma coisa. Se o da Bahia pensou?

Ministro, o Presidente ficou magoado com sua entrevista dada em Salvador? O Sr. já esteve com ele?

Eu acho até que ele gostou da entrevista estar daquela a pouco.

Ele já tinha tido conhecimento da entrevista?

Já porque vocês mandam sempre um resumo, pelas agências. O presidente comentou a entrevista comigo com muito carinho. O presidente não tem mágoas de mim. Ele sabe da sinceridade com que ajo com ele.

Ele o incentivou a ser vice de Jânio?

Eu disse uma coisa que deveria ter saído no título da matéria e não foi: ninguém pleiteia ser vice. Ninguém deve desejar ser vice. Isso acontece. As circunstâncias é que ditam.

O Brasil vai sofrer com a Constituição, segundo suas próprias palavras. Há tempo ainda para o governo se empenhar por modificar o texto?

Eu me empenharei até o máximo que eu possa, com muito pouca esperança que o bom-senso prevaleça.

Quais os pontos que o Governo poderá se empenhar e conseguir êxito?

Eu acho que no problema da anistia dos débitos. No tabelamento dos juros. Na definição de empresa nacional. Já que passou a greve irrestrita, vamos ver se evitamos a greve do funcionalismo público, nos serviços essenciais. Também vou me empenhar para que a eleição tenha um turno.